

Cadernos Barruel 2 - 1978

- [PARA MANTER A BOA COMPANHIA..... DE BARBIER A BARRUEL](#)
- [O PADRE AUGUSTIN BARRUEL](#)
- [PRECURSORES ESQUECIDOS](#)

PARA MANTER A BOA COMPANHIA..... DE BARBIER A BARRUEL

Os leitores do primeiro número deste Boletim terão, sem dúvida, ficado espantados ao receberem este segundo número, que é quase idêntico ao primeiro, com uma pequena diferença: passamos do padre Barbier para o padre Barruel.

Dois jesuítas, dois ex-jesuítas contrarrevolucionários, cuja comparação é instrutiva: Barruel foi secularizado em razão da tormenta revolucionária, mas tornou-se mais tarde um dos pilares da reconstrução da Companhia, enquanto Barbier teve de se afastar de sua Ordem para poder lutar livremente contra a Revolução no seio da Igreja; em suma, dois estágios sucessivos, a um século de distância, do avanço revolucionário...

Contudo, não foi pelo prazer desta aproximação que realizamos uma modificação moralmente penosa e que acarreta inconvenientes materiais.

De fato, verifica-se que, se o padre Barbier é de fato um homem público – e quem o é mais do que um polemista desta tempera! – seu nome não é livre e pertence... nem mesmo à sua família, cujos vários membros interessados em nosso trabalho se inscreveram, mas apenas ao seu sobrinho, que pretende não ser arrastado para posições demasiado taxativas.

Parece que, contra toda equidade, é este o direito positivo, e somos demasiado pobres para enfrentar os percalços da jurisprudência. Demasiado pobres e demasiado ocupados com cem outras coisas mais importantes, somos forçados a ceder à violência que nos é imposta; renunciamos, portanto, ao patrocínio do padre Barbier, para nosso grande pesar, pois ninguém melhor do que ele poderia simbolizar o espírito de nosso empreendimento, e nos unimos ao do padre Barruel, outro jesuíta, outro vulto ilustre da causa contrarrevolucionária.

Mas nem por isso abandonaremos o padre Barbier: seu nome, desaparecido do cabeçalho deste Boletim, seu pensamento continuará a ornar as suas páginas, e já a partir deste número um artigo relembra como ele soube analisar a tática dos liberais diante da autoridade na Igreja.

Esta peripécia terá tido o mérito de evidenciar melhor as profundas feridas que o impulso revolucionário causou ao corpo católico, que se encontra completamente combalido. – E não é difícil prever que as análises ulteriores poderão, deverão, despertar velhas cicatrizes, mesmo entre certos tradicionalistas que gostariam de não levar suas críticas além do Vaticano II! Nunca se drenou um abscesso sem provocar gritos, sobretudo quando é preciso limpar até o osso...

O PADRE AUGUSTIN BARRUEL

Uma vez que, após o padre Barbier, decidimos colocar nossos trabalhos sob a égide do Padre Augustin Barruel, pareceu-nos interessante reproduzir o artigo abaixo do Padre Dudon, SJ.

Publicadas na *Études*, revista da Companhia, em 20 de outubro de 1926, estas poucas páginas abordam a recepção da obra do Padre Barruel pelos historiadores oficiais da Revolução e, assim, permitem apreciar melhor a sua importância.

O eminente jesuíta, que estudou de perto a Revolução e a influência das lojas maçônicas sobre ela, é demasiado conhecido para que nos estendamos; limitemo-nos a recordar que sua principal obra, tornada difícil de encontrar, *As Memórias para servir à história do Jacobinismo*, foi reeditada recentemente pela *Diffusion de la Pensée Française* em Chiré-en-Montreuil.

DA AÇÃO POLÍTICA DAS LOJAS NO SÉCULO XVIII

Como todos os historiadores favoráveis à Maçonaria, o Sr. Martin fala desdenhosamente de Barruel. Ele zomba de suas "histórias patéticas"; considera infantil sua tese do "complô maçônico" para explicar a Revolução. Mal e mal lhe reconhece o mérito de uma "erudição abundante". Muita leitura, pouco julgamento e bastante exaltação. Tal é, a meu ver, a ideia que o Sr. Martin faz de Augustin Barruel. Isso requer alguma discussão.

Barruel relata que foi iniciado na Maçonaria por surpresa e à força, e que também assistiu a iniciações. O Sr. Martin considera este relato inverossímil. A questão é saber se é verdade. E não há por que duvidar. Barruel é o oposto de um mistificador. Seus livros responderiam por ele, se fosse preciso. Ele pode se enganar, como todo homem; mas não mente. Toda a sua carreira de polemista, desde as *Helviennes* (1781) até o livro sobre o Concordato (1802), revela um homem corajoso, nobre, zeloso por saber com exatidão. Ele viveu em tempos singularmente conturbados: desvendar a verdade e defendê-la foi a ocupação de toda a sua vida. Uma vez que ele o disse, deve-se ter por certo que ele viu com seus próprios olhos o que se passa nas Lojas.

Além disso, ele leu tudo o que foi publicado em seu tempo na Inglaterra, Alemanha e França, sobre a Maçonaria. O Sr. Le Forestier, em seu livro sobre os Iluminados da Baviera, reconhece esse conhecimento excepcional de Barruel.

Disse, há oito anos, as razões pelas quais a tese do Sr. Le Forestier me parecia insustentável; remeto meus leitores a elas.

Além disso, o Sr. Le Forestier não crê na influência do Iluminismo sobre o Grande Oriente de França; Barruel estima, ao contrário, que a conjunção do Iluminismo de Weishaupt com a Maçonaria francesa foi realizada em 1787 e decidiu os acontecimentos revolucionários.

Sobre este segundo ponto, noto que os dois autores recorrem a conjecturas, em vez de demonstração. O leitor julgará qual dos dois é o mais arrojado.

Barruel soube, por maçons, que o convite às lojas parisienses para virem deliberar com os Irmãos alemães, Bode e o barão de Busch, emanava dos Amigos Reunidos; por eles ainda, ele soube algo desse encontro, ignorando, porém, os detalhes da deliberação; um Irmão lhe explicou, em um memorando, um novo grau conferido no final de 1787, e os detalhes dessa iniciação exalam fortemente o Iluminismo; enfim, é uma das astúcias de Weishaupt buscar para suas teorias o apoio do número; ora, é a partir de 1787 que as Lojas militares, como Barruel soube por confidências, passaram a receber suboficiais, e que se multiplicaram esses liceus, essas sociedades, esses clubes, que serviram à Maçonaria como meios de penetração e ação.

É preciso notar que, no trecho de suas *Memórias* onde fala da invasão do Iluminismo na França, Barruel não menciona apenas o Grande Oriente – que ele chama justamente de "parlamento maçônico" – mas também os Amigos Reunidos, os Swedenborgistas da rua de *la Sourdière*, os teósofos de Ermenonville, a Loja das Nove Irmãs, a da Canard. A loja do Contrato Social é a única que ele excetua da influência das detestáveis doutrinas do Iluminismo.

Notemos ainda que outros maçons além de Savalette de Lange faziam parte, ao mesmo tempo, tanto do Grande Oriente quanto de outras Lojas, como as Nove Irmãs ou os Amigos Reunidos.

Para negar qualquer contato real entre o Iluminismo de Weishaupt e o Grande Oriente, o Sr. Martin se refere ao Sr. Le Forestier. O Sr. Le Forestier, de fato, defende essa tese em seu livro sobre os Iluminados da Baviera. Mas seus apoios parecem frágeis, já que consistem em um artigo de um jornal de 1801. É essa uma prova irrefutável?

O Sr. Martin não pensa que Bode e Busch poderiam ter agido em Paris, por meio de conversas, fora de qualquer recepção oficial no Grande Oriente? É provável que o Sr. Gustave Bord tenha algo a nos dizer sobre Savalette de Lange e Chefdebien, em suas relações com os Iluminados alemães. O papel nefasto desses dois personagens ainda não está totalmente esclarecido.

Além do mais, mesmo que Barruel tivesse se enganado sobre a importância da viagem de Bode, restaria o que ele escreveu, nos dois primeiros tomos de suas *Memórias*, sobre a conjuração dos "sofistas da impiedade" e dos "sofistas da rebelião".

Há aí um ponto importante a examinar.

Em dois capítulos distintos de seu livro, o Sr. Gaston Martin insiste na ideia de que a Maçonaria é apenas uma herdeira do filosofismo; ela não inventou sua doutrina religiosa, social ou política; ela a recebeu. Por isso, as obras do Sr. Sée sobre as *Ideias políticas na França no século XVIII* são citadas com complacência. E assim também o historiador retoma, várias vezes, certo discurso de Palasne de Champeaux, venerável da Virtude Triunfante de Saint-Brieuc e deputado à Constituinte:

As luzes que iluminam este século devem-se às profundas meditações, às combinações refletidas dos doutos filósofos; seus escritos imortais passaram por todas as mãos, e as verdades cintilantes que continham permaneceram gravadas em todas as mentes, aguardando apenas uma ocasião favorável para se desenvolverem.

"Há nesse discurso", conclui o Sr. Martin, "uma análise muito interessante e perspicaz da interpenetração da Maçonaria e da filosofia".

Abramos Barruel. Pelo que começam suas *Memórias para servir à história do jacobinismo*? Pela demonstração da conspiração anticristã da qual Voltaire, d'Alembert, Diderot e Frederico II são os líderes. Na própria correspondência dessas figuras, Barruel busca e encontra a prova de seu intento, de seu segredo, de sua união, de seus meios de ação, das etapas sucessivas que marcarão a destruição da Igreja Católica e culminarão no esmagamento do "infame". Não são "histórias patéticas"; é uma demonstração rigorosa e inatacável, à qual Barruel dedica um volume inteiro.

O volume em que ele denuncia os "sofistas da rebelião" não é menos revelador que aquele onde são desmascarados os "sofistas da impiedade". O processo é sempre o mesmo: citações autênticas, numerosas, convergentes. Assim como no panorama anterior, Voltaire e d'Alembert reaparecem; depois, Montesquieu, Jean-Jacques Rousseau, Mably, Diderot, Helvetius, Raynal, o clube de Holbach, desfilam com suas teorias diversamente antimonárquicas.

Finalmente, Barruel discutiu com maçons e recebeu confidências. É fácil, *a priori*, zombar de um homem enganado por "histórias" de Irmãos desiludidos. Neste caso, porém, a ironia se desvia e se engana. Barruel não viu meros comparsas. Ele nomeia suas testemunhas ou as designa claramente, quando não pode nomeá-las. Ele teve as confissões de um Rosacruz e de um cavaleiro Kadosh; ele viu martinistas; ele recebeu de um dos testemunhas oculares o relato da missão de Sinéty ao regimento de Sarre e invoca, sobre esse fato, o testemunho dos Senhores De Martange, de Bertrix e de Myon; ele cita o testemunho de Girtan sobre o clube de propaganda dirigido por Rochefoucauld, Concorde e Sièyes; ele sabe, segundo esse confidente, o que "o sofista Bergier", cinco anos antes de 89, disse sobre a preparação da Revolução; ele viu uma carta do médico Alphonse Leroi precisando, em 89, que a Revolução estava sendo preparada há muitos anos; ele ouviu, da boca do destinatário dessa carta, a conversa deste com um ministro de Luís XVI; ele teve em mãos o relato, feito por Beaupoil de Sainte-Aulaire, de suas impressões sobre o Comitê dos Amigos dos Negros, cujo objetivo superava singularmente o tráfico negreiro; ele soube, de Gobel, detalhes muito semelhantes, assim como de um membro do Comitê regulador; ele teve consigo memórias que relatavam como maçons perigordianos, um certo senhor Lacoste e um certo senhor Gairaux, recebiam as instruções do Grande Oriente.

Por mais que o Sr. Gaston Martin, e também o Sr. Albert Lantoine, zombem das "histórias" de Barruel, este homem relata o que sabe a partir de excelentes informantes. Isso é verdade, quando ele folheia os livros dos filósofos, e também quando folheia as memórias daqueles que ele chama de "adeptos das Lojas". *A priori*, repito, é fácil afirmar que Barruel foi mistificado por maçons adormecidos. A afirmação só tem valor com provas que a sustentem.

Para citar um exemplo, Barruel acredita, segundo Virieu, na condenação à morte de Luís XVI, no congresso maçônico de Wilhelmsbad, em 1782. O Sr. Gustave Bord demonstrou que as declarações atribuídas a Virieu não eram nem tão claras, nem tão decisivas. Deixando este caso de lado, não sei se alguém conseguiu pegar Barruel em erro. E, de qualquer forma, por meio de papéis ainda existentes, seria fácil para mim demonstrar a amplitude e a seriedade de suas informações.

Os três últimos volumes das *Memórias sobre o jacobinismo* tratam dos Iluminados da Baviera. Em seu prefácio, o autor enumera suas fontes; são as mesmas de onde o Sr. Le Forestier se inspirou; são numerosas e não há melhores. O Sr. Le Forestier concorda que Barruel leu tudo. Mas ele difere muito de seu predecessor em suas conclusões. Para o Sr. Le Forestier, as teorias dos Iluminados são meras audácias de pensamento; para Barruel, elas são planos de reforma que estavam decididos a introduzir.

Já é o livro do Sr. Sée sobre as *Ideias políticas na França no século XVIII*. É até muito mais. Pois Barruel não se contenta em compilar os textos dos inimigos da realeza. Ele os confronta, por um lado, com as confissões de Condorcet e do Mercure, e, por outro lado, com o célebre requisitório pronunciado no Parlamento de Paris, em 1770, pelo advogado-geral Séguier. Ele mostra a penetração dessas ideias subversivas nos panfletos da época, no meio parlamentar e no mundo das Lojas.

De modo que, se é um mérito, para o Sr. Gaston Martin, ter descoberto que a Maçonaria francesa é uma herdeira do filosofismo, ele deve compartilhar essa glória com Barruel, que fez essa demonstração, há cerca de cento e trinta anos.

Prossigamos com este paralelo.

O Sr. Martin estudou com cuidado a "difusão das ideias maçônicas". Essa se dá pelo recrutamento das próprias Lojas; a nobreza, o exército, a burguesia, o clero, são conquistados por todo o reino. Ela se dá também pela propaganda fora das Lojas; e pela busca de meios práticos para realizar a igualdade e a liberdade das quais as lojas são as anunciadoras. A Maçonaria tem a mão na redação dos cadernos de queixas e nas eleições para os Estados Gerais. Ela ajuda financeiramente e supervisiona a conduta política dos eleitos. Ela mobiliza as massas proletárias, os meios administrativos e o exército. Pelo Clube Bretão e pelo Clube dos Trinta, ela age em Paris e em outras regiões; a câmara de correspondência do Grande Oriente é o centro nervoso que, por meio de circulares nas lojas, e fora das Lojas por jornais, panfletos, oradores em missão e clubes locais, distribui o influxo maçônico até as extremidades do corpo social. Assim, as Lojas prepararam e asseguraram a vitória da Revolução.

Será que, ainda ontem, o Sr. Albert Mathiez não escrevia:

“As Lojas de antes de 1789, longe de serem sociedades de pensamento, eram, ao contrário, sociedades de banquetes e divertimento. Essas Lojas pertenciam, aliás, a ritos, ou seja, a sistemas diferentes. Elas só tinham em comum o

recrutamento uniforme nas classes ricas. Elas forneceram à emigração seu contingente mais importante. Seu papel político foi aproximadamente inexistente; supor que tinham um programa e que dirigiam a opinião é algo absolutamente arbitrário.

Eis, sem dúvida, "conclusões rápidas" que farão o Sr. Martin sorrir; e a vontade lhe virá de remeter o censor severo de sua tese de doutorado "aos métodos lentos e áridos da erudição e da crítica".

Certamente, o Sr. Gaston Martin é o primeiro historiador de esquerda, se me permite a expressão, que falou, de forma tão peremptória, da ação política das Lojas, antes de 1789. Aos elogios do Sr. Philippe Sagnac, eu de bom grado juntaria os meus, se tivessem valor.

Acrescentemos que, mesmo que se conseguisse inocentar o Grande Oriente, a questão das responsabilidades maçônicas não estaria resolvida. O Grande Oriente não é toda a maçonaria francesa do século XVIII. Ele espera que o Sr. Gustave Bord venha a publicar a continuação de sua história das Lojas. Quando o segundo volume tiver saído, veremos mais claramente este problema ainda envolto em sombras.

Com Augustin Cochin, o Sr. Martin se sente mais desconfortável do que com Barruel. Para conter palavras desairosas, há o respeito por uma morte heroica que encerrou uma vida nobre; o respeito também por essa *École des Chartes*, cujo prestígio rivaliza com o da *École Normale* ou da Sorbonne. Contudo, o Sr. Martin não se priva de contestar, aqui e ali, as conclusões de Augustin Cochin.

Mas, na verdade, é um paradoxo pretender que o pequeno livro vermelho do Sr. Martin confirma os dois grandes volumes brancos de Augustin Cochin sobre as "Sociedades de pensamento"?

Em ambas as obras, encontramos a prova dessa ação secreta, metódica, pela qual os Maçons mais ativos espalharam, fora das Lojas, "essas fórmulas, nítidas, incisivas, decisivas", que continham a palavra de ordem das profundas mudanças a serem operadas na vida nacional.

Cada um à sua maneira, o Sr. Martin e Augustin Cochin demonstraram, assim como Barruel, que a Maçonaria francesa, sobretudo após 1770, foi a semente incansável, eficaz e oculta das ideias novas e explosivas de 89.

No fundo, o que separa o Sr. Gaston Martin de seus predecessores é um problema de valores, mais do que uma questão de fatos. As ideias libertárias e igualitárias são um germe de vida ou um veneno mortal? Germe de vida, diz o Sr. Martin; veneno mortal, dizem Barruel e Augustin Cochin.

Para justificar esse julgamento, Barruel tinha diante dos olhos a França em ruínas; Augustin Cochin, sem falar de outros fragmentos da história contemporânea, conhecia a detestável política de nossa Terceira República. E se a morte o tivesse poupado durante a guerra, os eventos ocorridos de 1918 a 1926 teriam certamente fortalecido o brilhante historiador na convicção de que ele havia julgado bem a maleficência dos princípios revolucionários. Mas, por si só, os acontecimentos do século

XVIII revelam, a quem quiser ver, essa maleficência.

E faltou até o pretexto para essa insurreição infernal contra a velha monarquia. Quem, afinal, pôde seriamente pensar que Luís XV e Luís XVI foram tiranos insuportáveis?

Pela demonstração que faz, ele fornece provas para a famosa passagem na qual Condorcet vangloriou-se da hábil maleabilidade da propaganda maçônica; ele justifica Barruel. Pois Barruel (no cap. XIV do tomo II de suas Memórias) já descreveu a caixa eleitoral, o comitê regulador, os Escritórios de correspondência, os oradores em missão, a multiplicação dos periódicos e dos clubes; em suma, todo o jogo poderoso e fatal da máquina maçônica.

Por outro lado, o Sr. Gaston Martin, como Barruel, diz que a grande preparação da Revolução consistiu na interpenetração do filosofismo e da Maçonaria. Ora, não se pode negar, o filosofismo, sobretudo na época da *Encyclopédie* e do clube de Holbach, fez um esforço concertado para aniquilar a Igreja e desorganizar o Estado. Diante disso, por qual salto para trás o Sr. Martin e o Sr. Sagnac se recusam a ouvir falar de "complô maçônico"?

Pelo fato de ter havido, nas Lojas do século XVIII, nobres e padres, o Sr. Martin conclui pela insolubilidade de uma destruição do trono e do altar desejada pelas Lojas. O raciocínio não se sustenta. Antes do Sr. Martin, Barruel já havia notado o fato e apresentado a objeção. A esta, há apenas uma resposta verdadeira: incautos ignoraram, miseráveis aceitaram a ruína futura das coisas augustas, das quais sua casta ou sua vocação deveria tê-los constituído guardiões indefectíveis. Nem todos os "sofistas da impiedade" e todos os "sofistas da rebelião" tiveram a mesma perversidade de ideias ou a mesma fúria de destruir. Barruel o assinala expressamente, mesmo para o clube de Holbach. Assim era, entre os grandes Maçons de Paris. Mas todos, maçons e sofistas, desejavam mudanças profundas no antigo regime; e as exigiam, em nome do duplo princípio da soberania nacional e da igualdade dos homens.

Aconteceu que os desígnios mais moderados foram superados pelo ardor impetuoso dos mais violentos. Isso ainda acontece. O espetáculo está diante de nossos olhos. Esses violentos existiam na Maçonaria, assim como no filosofismo. Os moderados que aceitaram os violentos como colaboradores, por isso mesmo, aceitaram o risco de sua dominação.

O Sr. Martin diz, em algum lugar, que a Maçonaria daquela época era a favor da monarquia e da religião tradicionais. Onde está a prova? Barruel viu com seus próprios olhos o plano da Loja do Contrato Social, que convidava os Irmãos, após a Constituição Civil, a se unirem ao rei, contra os jacobinos, para deter ali o movimento revolucionário. O que o Grande Oriente respondeu ao apelo sugerido pelo Duque de la Rochefoucauld, assustado com o rumo dos acontecimentos? Ele também elaborou um plano, que testemunha uma séria vontade de barrar o caminho aos violentos? Se o Sr. Gaston Martin nos fornecer esse texto – do que duvido muito – poderemos conceder ao Grande Oriente as circunstâncias atenuantes. Mas nada mais. Será preciso taxar de hipocrisia sua moderação aparente. Pois, pelo simples relato da propaganda maçônica descrita no livro do Sr. Gaston Martin, permanece constante que o Grande Oriente montou a máquina infernal e preparou a pólvora que deveria fazer tudo explodir.

A verdade é que o poder real não era, em lugar nenhum da Europa, mais paterno do que na França. A verdade é que, se Luís XVI tivesse sido um líder, a Revolução teria sido morta no ovo, a despeito de todas as "Sociedades de pensamento".

O Sr. Gaston Martin alegra-se com a destruição selvagem e estúpida da antiga França; e ele parabeniza a Maçonaria por ter tido sua parte nessa empreitada de demolição. O Grande Oriente de hoje aceitou, com gratidão, os cumprimentos feitos ao Grande Oriente de outrora. Diz-se que o livro do Sr. Martin foi recompensado com um prêmio de 4.000 francos, fundado pelo Sr. Arthur Mille, ex-presidente do Grande Oriente de França?

O que pensarão os profanos de tal aprovação? Uma única coisa, creio, e é que os grandes Maçons de 1926, para alimentar seu ódio implacável contra os elementos ainda vigorosos da França de outrora, não encontram alimento melhor do que a lembrança das façanhas execráveis dos grandes Maçons de 1789.

P.R. Paul DUDON SJ - (Extrato das *Études* - pp. 173 a 182 - 20 de outubro de 1926)

PRECURSORES ESQUECIDOS

Nossa intenção é publicar, sob este título bastante geral, estudos e artigos referentes a um certo número de homens dos séculos XIX e XX que estudaram, como o padre Barbier, a penetração da Revolução no Cristianismo, perceberam rapidamente seu extremo perigo futuro e a denunciaram muito cedo.

O futuro, infelizmente, lhes deu razão, e sua obra foi coberta por um espesso véu de silêncio por seus inimigos triunfantes, e sua memória caiu no esquecimento. Nosso primeiro dever e, portanto, nosso primeiro passo são, primeiramente, recordar.

QUANDO UM NOVO CONVERTIDO DESCOBRE "*LE SILLON*"

Adolphe Retté, poeta da escola simbolista, veio de muito longe para a Igreja. Ele narrou seu percurso em um livro publicado em 1907, *Do Diabo a Deus*. Tendo partido da Anarquia e do paganismo, passado pelo socialismo e pela irreligião, uma vez chegado ao porto, aplicou-se a defender a Verdade finalmente encontrada e, ao mesmo tempo, a descrever as riquezas da vida espiritual – essa ação, ele a conduziu como um franco-atirador, fora das estruturas dos partidos e das instituições religiosas da época.

Ao lê-lo, descobrimos um escritor perspicaz que sabe expressar de forma muito viva, com uma inegável sinceridade, as paisagens da vida interior e que lança sobre a sociedade em que vive um olhar algo profético. Antes de 1930 (data de sua morte), ele discerniu a corrida para um mundo de Apocalipse – aquele cujo prólogo vivemos – do lamentável rebanho de seus contemporâneos.

A obra de Adolphe Retté está hoje praticamente esquecida. É uma pena. Acabo de reler alguns de seus livros: *Sob a Estrela da Manhã*, *Quando o Espírito Sopra*, *Os Rubis do Cálice*, *No País dos Lírios Negros*, *Cartas a um Indiferente*, *A Casa em Ordem*, *Até o Fim do Mundo*, *O Viajante Espantado*, *Orações do Silêncio...*(1)

Fiquei impressionado com sua atualidade. Claro, o contexto não é mais o mesmo, as situações se agravaram ainda mais, mas as exigências profundas que eles propõem permanecem mais imperiosas do que nunca.

O autor nos conta suas múltiplas experiências, as do mundo católico em particular. Ele realça almas de uma beleza excepcional, mas também estigmatiza as falhas de muitos cristãos, sua ingenuidade e sua falta de fé ou de julgamento. Contentar-me-ei hoje em relatar a experiência que ele teve com o *Sillon*, no tempo de sua grande voga.

Mal convertido, Retté foi procurado por um padre, entusiasmado com Marc Sangnier, para que aderisse ao movimento.

Entre os papéis que ele lhe entregou, havia um que o fez imediatamente "torcer o nariz" – era intitulado *Um Novo Messias* (simplesmente). Eis o texto:

“*"Natal! Na véspera da grande festa cristã, um novo messias veio à Savoia, anunciar à democracia o reinado da fraternidade humana e de todos os pontos do horizonte, pastores e magos guiados por uma estrela invisível acorreram para ouvir a boa nova. Esse jovem apóstolo (Marc Sangnier) exerce ao seu redor um poderoso atrativo; as audiências mais diversas acolhem sua palavra com uma atenção quase religiosa e as ovações triunfais que saúdam sua passagem recordam, em certa medida, as do povo de Israel aclamando Jesus em sua entrada em Jerusalém. Nada faltou ao messias da democracia para evocar entre nós a memória de seu divino mestre."*

Essa disparatada fala me colocou desde então nos antípodas do agitador que não desautorizava tal aproximação onde o ridículo se aliava ao sacrilégio (2).

Foi em Lyon que Adolphe Retté pôde ouvir Marc Sangnier. Ele resumiu sua impressão assim:

“*"Minha impressão foi dupla. Primeiro, admirei, do ponto de vista da fonética, o extraordinário moinho de palavras que funcionava, sem tropeços, naquela goela incansável. Em seguida, percebi que esse mecanismo vocal não tinha nada a moer – literalmente nada.*

Quero dizer que as sequências de frases que ele debitava por todo lado não continham substância alguma. Redundâncias empoladas, apóstrofes de um lirismo banal, períodos intermináveis de um sentimentalismo desbotado – Nenhuma ideia prática, nem um raciocínio encadeado.

O Sr. Sangnier tratava de política, ciência que, mais do que todas, exige conhecimentos precisos a serviço de uma inteligência pragmática.

Aqui, nem mesmo o menor indício dessas qualidades. Tinha-se a sensação de estar imerso em um banho de água morna e turva onde ondulavam, com demasiada maleabilidade, enguias suspeitas..." (3).

E Retté concluía:

“*"É preciso desejar que um dia ou outro o Sr. Sangnier, exclamando com Baudelaire 'meus braços se romperam por terem abraçado nuvens', adquira o senso do Real. É preciso esperá-lo, mas sem contar muito com isso."*

Nosso convertido quis em seguida sustentar suas impressões pessoais por uma estudo aprofundado do *Sillon*. O documento de base é a Carta de Pio X de 25 de agosto de 1910 que situa, na linha dos Filósofos do século XVIII, as teorias do *Sillon* "*que, sob suas aparências brilhantes e generosas, carecem frequentemente de clareza, de lógica e de verdade*". Vêm em seguida as *Erros do Sillon* do padre Emmanuel Barbier e *O Dilema de Marc Sangnier* de Charles Maurras.

“O primeiro desses livros refutava o *Sillon* com perfeita moderação de termos e grande força de argumentação nos pontos de vista teológico e social... O segundo, também contido na forma, o criticava sob os pontos de vista da filosofia e da tradição. Não é exagero dizer que é uma obra-prima de dialética e de razão lúcida. Ambos os volumes me ajudaram grandemente a formar a convicção de que essa aventura anarco-religiosa não apresentava nada de sério. E quando interroguei alguns *sillonistas* e me foi comunicado que 'para ser do *Sillon*, era preciso primeiro crer em sua missão providencial', fiquei definitivamente convencido." (4)

Adolphe Retté escapara da Democracia após tê-la conhecido e servido nas formas anarquista, socialista, radical. Nunca sentiu a necessidade de conhecê-la em sua forma católica. Foi preciso, no entanto, que ele ainda frequentasse o mundo dos "liberais". Dessa incursão, ele trouxe consigo um feixe de observações picantes e tão instrutivas! Um próximo artigo será dedicado a essa nova experiência.

F.M. d'A.

(1) – A maioria das obras de Adolphe Retté encontra-se, quando não estão esgotadas, nas Éditions Messein, 79, quai St Michel Paris 5e. (2) – *A Casa em Ordem*, p.222

(3) – Id., p. 224

(4) – Id., p. 223